

O DIÁRIO REFLEXIVO DE LEITURAS: DIALOGISMO E INTERAÇÃO

Regina de Fátima Marchesini Souza
Universidade São Francisco – Itatiba – SP.

O objetivo principal deste trabalho é investigar as implicações do trabalho com o gênero *diário reflexivo de leituras*, particularmente no que diz respeito à sua contribuição para a formação do leitor em outras práticas de leituras, refletindo criticamente sobre aquilo que lê (especificamente, contos literários). Dessa forma, procura-se ressaltar os resultados da introdução dessa prática como mediadora de atividades escolares de leitura.

Assim, a fim de levar os alunos ao uso dos gêneros *diário reflexivo de leituras* e *conto*, foram elaboradas duas seqüências didáticas tanto para o tratamento do gênero *diário* quanto para o gênero *conto*.

Este estudo aborda a linguagem segundo os pressupostos vigotskianos para os quais somos constituídos pela linguagem, atribuímos significados e nos relacionamos na/pela linguagem. A linguagem nos rodeia e nos coloca no meio da roda da vida, nos fazendo gente. Assim, nos encontramos e nos reconhecemos no mundo, nos comunicando e convivendo na/pela linguagem.

Mais do que objeto e meio/modo de abordagem, a linguagem é constitutiva dos processos cognitivos e do próprio conhecimento, uma vez que a apropriação social da linguagem é a condição fundamental do desenvolvimento mental. (Smolka, 1995, p. 42)

A linguagem nos possibilita a abstração, uma vez que nomeando as coisas, as categorizamos e abstraímos assim suas propriedades essenciais, o que nos mostra que a linguagem além ser meio de comunicação é veículo de formação do pensamento; e, por fim, a linguagem é veículo fundamental da transmissão de comunicação.

Dessa forma, o aparecimento da linguagem na história da humanidade foi o grande salto no desenvolvimento das características tipicamente humanas. Pela linguagem interagimos e nos apropriamos dos sentidos de tudo que nos rodeia.

A interação está presente em toda a constituição do sujeito, em todo momento estamos interagindo. Para Vigotski, a constituição do sujeito se faz na/pela linguagem. Como afirma Smolka, na concepção vigotskiana:

[...] o homem não é simplesmente produto das circunstâncias, mas (agente que) transforma as circunstâncias e se transforma (produz) nesta atividade. De maneira talvez mais pertinente hoje, dizemos que o homem produz linguagem, e se produz simultaneamente na/pela linguagem. Neste trabalho social e simbólico de produção de signos e sentidos, a linguagem não é só meio de (inter/oper)ação, mas é também produto histórico, objetivado; é constitutiva/constituidora do homem enquanto sujeito (da e na linguagem). (Smolka, 1995, p.14)

Pensar em interação social é pensar no signo e seu significado. É perceber como as relações de compreensão se fazem diferentemente em cada grupo e em cada sujeito. Para Vigotski:

Assim como a interação social é impossível sem o signo, é também impossível sem o significado(...) A interação social pressupõe a generalização e o do significado verbal; a generalização torna-se possível somente com o desenvolvimento da interação social. (Vigotski, 1987, p.48)

A palavra é base para todas as relações que se fazem no cotidiano, é mediadora, é responsável pela interiorização do conhecimento.

O princípio da mediação desenvolvido por Vigotski a partir do conceito de Marx e Engels, refere-se à mediação por instrumentos e signos na nossa relação com o mundo. Para Smolka e Nogueira mediação é muito mais que uma circunstância ou uma relação face a face, com comunicação direta. A mediação é um princípio teórico que possibilita a interação mesmo que não haja uma pessoa presente.

A mediação concebida como princípio teórico, no entanto, a interpretação das ações humanas como social e semioticamente mediadas, mesmo quando essas ações não implicam a presença visível e a participação imediata de outro. Podemos pensar em situações como a de um lavrador carpindo o campo com sua enxada, uma pessoa lendo em seu quarto, uma criança diante de um computador. Formas de mediação encontram-se presentes tanto no instrumento que condensa uma história de conhecimento e produção humana, como na própria pessoa, que participando das práticas sociais, internaliza e se apropria dos modos culturalmente elaborados de ação. Poderíamos dizer, portanto, que um aspecto da mediação é a incorporação desses instrumentos técnicos e simbólicos na estrutura da atividade humana, e que a atividade humana individual só se constitui na dinâmica das relações sociais. (Smolka e Nogueira, 2002, p. 83)

Para trabalhar em situação escolar deve-se levar em conta que esse aprendizado se faz num processo dinâmico e constante que engloba um ser que está inserido num grupo, cujos valores se diferenciam muitas vezes daqueles que a escola traz historicamente embutidos, pois os enunciados aí produzidos assumem múltiplos e plurais sentidos. Estudar linguagem é mais que decodificar, é trabalhar com a interação humana,

Esse estudo também aborda a linguagem segundo os pressupostos bakhtinianos, para os quais a palavra é considerada o modo mais puro e sensível da relação social. A palavra é presença obrigatória em todo ato consciente, e como tal, acompanha toda criação ideológica, que se constitui e se edifica no discurso interior. Nossas ações, sejam elas quais forem, estão e são feitas na/pela linguagem através dos muitos discursos que perpassam nosso dia-a-dia. Segundo Bakhtin/Volochinov (2004, p.122) “[...] toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica”. Isso significa que aquilo que falamos vem sempre marcado pelo grupo social ao qual pertencemos, estando ligado à nossa história. Como

afirmam Bakhtin/Volochinov "[...] todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele". (2004, p. 38).

Segundo Bakhtin/Volochinov, Um signo reflete e refrata uma realidade. Ele vem sempre carregado de ideologia, sendo um elemento semiótico é um fator que constitui a realidade, construindo a própria consciência humana, pois como afirmam Bakhtin/Volochinov (2004, p.33) "a própria compreensão não pode manifestar-se senão através de um material semiótico".

A formação da consciência humana, nesse sentido, é feita através da interação entre as pessoas, no seu convívio em sociedade, pois como afirmam Bakhtin/Volochinov (2004, p.34) "A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social". Como nos aponta Faraco:

A relação do nosso dizer com as coisas (em sentido amplo do termo) nunca é direta, mas se dá sempre obliquamente: nossas palavras não tocam as coisas, mas penetram a camada de discursos sociais que recobrem as coisas. (Faraco, 2003, p. 49)

O significados serão, então, constituídos de acordo com a situação em que os sujeitos estão inseridos em relação.

A interação se faz através do diálogo. Não do diálogo conceituado pelo senso comum, como um simples colóquio. Assumo aqui, a definição de diálogo do Círculo bakhtiniano, que o apresenta não como uma simples conversa, mas como constante conflito entre forças externas e internas, que interagem constantemente indo e vindo num movimento de intensa luta, quando as muitas vozes presentes num discurso, na palavra. Isso significa que a compreensão que fazemos do mundo não se dá de maneira tranqüila, mas é perpassada por tudo aquilo que nos constitui.

O diálogo tem caráter inteiramente social, feito nas relações dialógicas, que são relações entre índices sociais de valor, espaço de tensão entre enunciados, espaço de lutas entre vozes sociais.

Dessa forma, compreender um texto, é uma relação dialógica que se faz através de nosso entendimento de mundo, um mundo que congrega todas as vozes que nos constituíram.

Um estudo da leitura que privilegie o dialogismo, no sentido bakhtiniano, deve levar em consideração que cada texto é um grande ecoar de vozes que ao se misturarem com as vozes presentes na constituição de cada sujeito, podem adquirir diferentes sentidos.

Trabalhei com aproximadamente 30 alunos de uma classe de 2ª série do Ensino Médio, com idade entre 14 e 16 anos, de uma escola pública estadual no interior de São Paulo, no ano de 2006. Os alunos, na sua grande maioria, são de famílias de baixa renda e moram em bairros bem próximos à escola.

No decorrer do trabalho com os diários, pude perceber como esse tipo de atividade faz com que os alunos, saindo daquela maneira tradicional de interpretar textos, baseada em perguntas e respostas, abram suas perspectivas de

entendimento, porque podem dialogar (pelo menos, de forma mais explícita e interessante) com o texto, com o autor, com a professora, com os colegas e consigo mesmos.

O trabalho com os diários de leituras possibilitou a observação, via análise, de relações no plano intersubjetivo, com indícios de trabalho interpessoal, intrapessoal e intertextual.

Apesar dessas relações ocorrerem em qualquer trabalho com textos, em qualquer prática discursiva, destaco que, segundo o embasamento teórico desse trabalho, essas relações são simultâneas, ocorrendo na relação do sujeito com o outro. Para Vigotski e Bakhtin, essa relação acontece na mediação semiótica e em condições sociais específicas.

Para fins de análise, porém, separo esses três aspectos, no sentido de realçar cada um deles. Passo a descrever a seguir indícios de trabalho interpessoal, intrapessoal e intertextual.

Indícios de um trabalho interpessoal

Segundo Machado (1998), o diário reflexivo de leituras é um gênero textual que se configura num texto no qual o leitor, à medida que lê, registra da forma mais pessoal e livre possível – suas impressões, reflexões, críticas e problemas em relação ao que está lendo, bem como as relações que estabelece com outros textos já lidos e com as experiências vividas.

O uso do diário reflexivo de leituras em situação escolar aponta pistas sobre um trabalho interpessoal, ou seja, acontecem novas situações de interação no ambiente escolar, provocando a instauração de novas/outras relações entre os interlocutores. Barros (2001) nos lembra que para Bakhtin o texto é objeto de estudo das ciências humanas e traz duas diferentes concepções sobre diálogo: entre interlocutores e entre discursos. Para Bakhtin toda compreensão se faz de forma dialógica e suscita, portanto, respostas. O texto não existe fora da sociedade, tem significado e por isso [...] é “constitutivamente dialógico” (Barros, 2001, p. 24).

Nesse sentido, podemos dizer que o uso dos diários é um processo de diálogo entre interlocutores.

Essas relações estabelecem a interlocução, pois como nos afirma Barros (2001, p.27) “[...] a interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem”, ou seja a linguagem instaura e possibilita a interlocução, que busca sempre uma resposta, e o enunciado é uma resposta. Conforme mostra Faraco (2003), para Volochinov “[...] enunciar é tomar uma posição avaliativa; é posicionar-se frente a outras posições sociais avaliativas. [...] em outros termos, enunciar é responder” (Faraco, 2003, p. 71). O processo de compreensão para esse autor, é um processo responsivo, ativo, nunca passivo, como observamos nos dados a seguir:

Na minha opinião esse texto ficou mais comprido e mais complicado para leitura, pois a todo momento o autor interrompe com suas anotações. Prestando atenção nas anotações e críticas do autor com seu próprio conto

eu pude enxergar quanta coisa inútil ele escreveu no conto. Se ele mudasse tudo isso que ele não concordou ficaria menor, mais legal e interessante para ler, sem contar que ficaria bem mais fácil de entender. (Trecho do diário de Mário, *Final*, 24/08/2006)

Outro dia estava assistindo noticiário e vi uma história parecida com a que eu li, não tinha gatos e nem outro tipo de animal, mas o ato de violência foi parecido, porque mesmo com amor em seu lar, a pessoa foi capaz de matar seus próprios pais com ajuda de seu namorado a fim de fugir juntos. (Trecho do diário de Carlos, *O gato preto*, 17/04/2006)

O diário reflexivo de leituras, enquanto gênero, pode ser um lugar privilegiado dessa interlocução feita na interação.

O processo de interação é observado nos trechos dos diários aqui citados, pois, enquanto ia lendo os textos, percebi que algumas dúvidas estavam dirigidas para mim, para que eu as esclarecesse. O que fiz, sempre retomando a história lida e, oralmente, fomos conversando para superar dificuldades. Eis alguns dados em que se observa a instalação desse processo:

Profª : Por que você disse: “história vazia”? e ‘sem sentido’?

Que sentido você buscava?

Gilson: Não é que a história é vazia, é que o leitor fica com muitas questões na cabeça ao ler. Por exemplo no final: o que aconteceu com os dois? Pois qualquer um sabe que uma pessoa não passa mais que sete dias sem comer e beber; ou lá na casa eles tinham comida... sei lá, fica confuso e fica faltando também entender a história já que fica se perguntando: qual o motivo de tudo isso acontecer? Mas por outro lado esse tom de mistério que deixa a história legal. (trecho do diário de Gilson, 17/10/2006, *A armadilha*)

Dona, eu tenho dificuldade em fazer esse trabalho que você está passando, mas estou me esforçando. (trecho do diário de José, *O gato preto*, 17/04/2006)

A professora tirou as minhas dúvidas no começo da aula sobre esse texto, ela pediu para eu perguntar as minhas dúvidas, ela escreveu isso e eu na aula tirei todas elas. (trecho do diário de José, re-escrita de *O gato preto*, 10/05/2006)

Pude perceber o estabelecimento do diálogo no sentido bakhtiniano do termo, que segundo Faraco (2003, p. 67) “[...] deve ser entendido como vasto espaço de luta entre vozes sociais”. São as diferentes forças que agem de dentro para fora e de fora para dentro, provocando tensões e exigindo sempre uma resposta.

Para Faraco (2003, p. 60), o objeto do dialogismo é constituído pelas relações dialógicas sendo o texto, um “evento de grande interação social”, pois é atravessado pelos valores e espaços sociais da vida humana, perpassados pelas forças dialógicas.

O uso do gênero em questão parece aproximar os interlocutores – aluno/escritor do diário e autor do conto. Trago, abaixo, alguns indícios desse

processo dialógico em relação ao autor, presente nos diários reflexivos de leituras dos alunos:

Será que a autora fez esse conto como um tipo de alerta? Pra mim foi. (trecho do diário de Renata, *Venha ver o pôr-do-sol*, 24/05/2006)

Pensei que só eu tivesse estranhado o começo da história, Ivan também ao reler seu conto viu que tudo precisava de um começo melhor. Concordo com Ivan, se o conflito era só na cabeça de Libério então por que ele parecia temer ser o ridículo ou algo assim, não é mesmo? (trecho do diário de Gilson, *Entrevero do autor com seu texto*, 28/08/2006)

Em alguns casos, o aluno-leitor chega mesmo a dialogar diretamente com o autor do texto, como se estivesse diante dele:

Agora eu faço uma pergunta pra você, Ivan. Por que você usou várias f... (*ilegível*) nos três contos? Por que praticamente os três contos tem os finais iguais, bem parecidos? Não entendi, quem morreu? (trecho do diário de Cláudia, *Final*, 04/09/2006)

Autor, **seu bobo**, por que você aqui repetiu várias vezes o profeta Oséias, com respeito a mulher adúltera? (trecho do diário de Renata, *Final*, 30/08/2006) [grifos meus]

O último trecho transcrito acima aponta uma relação muito interessante que se mostra instaurada entre o aluno-leitor e o autor do texto lido: nesse trecho, o aluno dialoga diretamente com o autor, utilizando-se, para isso, do vocativo: “*Autor*” no início de seu comentário. Além disso, ele critica o autor, fazendo julgamentos sobre sua própria pessoa em função do que ele escreveu - no caso em questão, questionando o uso do texto do profeta Oséias. Mas a aluna faz isso de forma bastante inusitada, usando, como aposto, uma expressão muito marcada pela oralidade, revelando quase que uma intimidade entre aluno-leitor e autor: “*seu bobo*”. Há aqui indícios de uma maior aproximação com o autor, aqui a aluna é a autora, ocupa nova posição social no discurso e fala desse lugar.

Indícios de um trabalho intrapessoal

Todo discurso provoca um trabalho ou processo inter e intrapessoal. Em relação ao uso do gênero diário reflexivo de leituras, destacarei agora indícios de um trabalho intrapessoal. A todo momento, aparecem, nos comentários dos alunos feitos nos diários reflexivos de leitura, reações diante do texto lido, ou seja, os efeitos que provoca internamente para os alunos. Pode perceber que, em muitos momentos, em suas reflexões, os alunos colocavam nelas suas impressões sobre os textos lidos.

Será que há muito mais coisas no céu e na terra que não sabemos? Será que cartomantes são realmente verdade? Será que existe sorte, devemos

acreditar em algo? [...] Fico imaginando como deve ser gostoso ver alguém indo atrás desse tipo de coisa por gostar de nós. Deve ser muito bom ser amado por alguém. (Trecho do diário de Gilson, *A cartomante*, 05/04/2006)

O que me exprime em uma dúvida, é por que poucos possuem tanto e tantos possuem quase nada? Por que vivemos em um mundo tão consumista que só se preocupa em lucrar, em fazer predominar a população ativa? Onde está a solidariedade? Onde está o coração quente e aconchegante humano? Onde está a vida de oportunidade comum a todos?... Será que ficou esquecida? Ou não importa? Por que tanta injustiça? (Trecho do diário de Joice, *Natal na barca*, 10/04/2006)

Se eu mato um animal assim sem motivo, acho que não durmo por resto da vida. [...] O quê? Ele matou a sua esposa por causa do gato? Não pode ser, que cara louco! (Trecho do diário de Gilson, *O gato preto*, 17/04/2006)

Nossa! Esse conto pra mim foi esquisito. Imagine você sendo preso e em cemitério abandonado, eu que não queria ser a personagem. (Trecho do diário de Carlos, *Venha ver o pôr-do-sol*, 24/05/2006)

Podemos observar indícios de discurso interno ou diálogo interior. Todas as funções do desenvolvimento para Vigotski nascem nas relações sociais e depois passam ao plano intrapessoal. Relacionando com a teoria bakhtiniana, o discurso interno de cada indivíduo é formado a partir do social e expressa-se por meio de códigos e signos exteriores. “A atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior, um território social” (Bakhtin, 2004, p. 117).

Podemos observar nos trechos acima algumas perguntas, que são indícios de diálogo interno. Há um interlocutor presente, pois se há perguntas, espera-se respostas. Faraco (2003) aponta que, para o Círculo de Bakhtin, todo dizer é internamente orientado, feito na articulação de muitas vozes, e espera uma réplica, uma resposta, portanto o dizer é orientado para um outro. Trechos em que isso ficou mais explícito:

- *O quê? Ele matou a sua esposa por causa do gato? Não pode ser, que cara louco!*
- *Quem morreu? Disfarça. Acho que sei, ela morreu, senão como ele iria contar a história?*
- *Explicita-se um diálogo e a presença de mais de uma voz.*

Os dois trechos abaixo apontam para o estabelecimento de uma relação próxima de conversa entre leitor e texto, uma vez que se percebe o uso de marcas dialetais, expressas nas palavras grifadas.

Agora me diz, para que guardar tanta raiva, ódio de uma pessoa? (Trecho do diário de Aline, *A armadilha*, re-escrita, 17/05/2006)

Por que Alexandre dispensou o elevador e preferiu subir pelas escadas com sua mala pesada? Ele não queria ser visto por ninguém? Ou então ele é um tonto? **Puts!** Acabei mas não entendi nada. [...] Ah! Eu estou com muitas dúvidas na cabeça. [...] **Aff!** Pra mim é isso, reli mais uma vez e mesmo assim não entendi. (Trecho do diário de Estela, *A armadilha*, 15/05/2006)

As marcas da oralidade são também indícios de um sujeito que se insinua diferente do sujeito leitor e do sujeito escritor do diário – o sujeito empírico, o que fala essas coisas no dia-a-dia. Além disso, no primeiro trecho, nota-se também presente o diálogo.

Ainda com relação aos aspectos intrapessoais exercidos pelos diários reflexivos, podemos perceber nos comentários dos alunos julgamentos, avaliações e críticas sobre os textos lidos, o que demonstrava que, à medida que os alunos liam, suas reflexões iam aparecendo, sem que para isso houvesse a necessidade de se fazer um questionário. Eles próprios se questionavam sobre o texto, seus valores e suas dúvidas.

Alguns trechos dos diários dos alunos apontam para o fato de que, além de relacionarem o texto lido com suas próprias realidades pessoais, já experienciadas, os alunos, também, se projetam para o futuro, fazendo percepções sobre o que lhes poderia acontecer se por acaso se encontrassem em situações semelhantes às das histórias lidas. Os sujeitos se colocam no lugar das personagens, se desdobrando, como sugerem os trechos abaixo:

Bom se eu estivesse nessa situação eu não perdoaria a pessoa pela traição, até desculpava pelo seu erro, mas eu separaria dela na hora... (Trecho do diário de Cláudia, *Dénouement*, 21/08/2006)

Legal ler isso e ver como as idéias mudam com o passar do tempo. (Trecho do diário de Cristiane, *Entrevero do autor com seu texto*, 24/08/2006)

Esse texto mostra bem como as pessoas mudam de opinião e como muda o modo de observar as coisas. (Trecho do diário de Rosa, *Entrevero do autor com seu texto*, 24/08/2006)

Um outro fator interessante de ser observado é que a leitura dos contos acaba por provocar a necessidade de escrever sobre aquilo que foi lido, despertando no leitor o desejo de escrever, como se percebe no trecho a seguir:

No fim imaginamos mil maneiras para concluir o conto. Podemos criar em nossa mente finais surpreendentes e nos divertirmos com isso. (Trecho do diário de Cristiane, *A armadilha*, 17/05/2006)

Não é difícil perceber o dialogismo nos trechos transcritos, uma vez que as vozes se unem e se misturam para dar o sentido do que foi lido, indicando a interação presente entre sujeitos. O diário reflexivo de leituras aparece como uma

possibilidade de interação envolvendo aluno/escritor do diário, professor/comentador, conto, autor do conto, diário de leitura, etc.).

Indícios de um trabalho interdiscursivo e intertextual

Uma das relações exercidas, também pelos diários reflexivos de leituras, que apareceram nos comentários dos alunos, foi o estabelecimento da intertextualidade e interdiscursividade.

Eles relacionaram os contos lidos, com enunciados que viram ou ouviram, o que ajudou a aumentar sua compreensão nas histórias lidas. Os trechos apresentados a seguir demonstram isso claramente.

Já li várias histórias e assisti vários filmes que um amigo se envolve com a mulher do outro, e sempre um acaba morrendo. Acho que isso acontece porque é assim na vida real. (Trecho do diário de Rosa, *A cartomante*, 05/04/2006) (intertextualidade)

Uma frase que eu gosto muito diz mais ou menos isso: 'lutar sempre; vencer talvez, desistir nunca!' (Trecho do diário de Cristiane, *Natal na barca*, 10/04/2006) (interdiscursividade)

Lembrei-me de uma novela que moravam pai e filho. O pai tinha dívidas, mas "enchia a cara" para esquecer elas. (Trecho do diário de Manoel, *Natal na barca*, 17/04/2006) (intertextualidade)

... eu já parecia que tinha visto uma história assim num filme chamado Jogos Mortais. Esse cara gostava de fazer as pessoas sofrerem, ele ficava brincando com as pessoas de um jogo ao chegar o ponto das pessoas se matarem. (Trecho do diário de José, *A armadilha*, 15/05/2006) (intertextualidade)

Fiorin (2006) lembra que, para Bakhtin, o discurso não tem sentido fixo, mas é um cruzamento de superfícies textuais, ou seja, um grande diálogo, que absorve e traz partes de outros, pois ele considera o diálogo como única esfera possível da linguagem. Em Bakhtin interdiscurso aparece com o nome de dialogismo, este por sua vez se faz em discursos. Esses discursos (enunciados) revelam um outro; há alguém que se posiciona sempre para um destinatário. Esse diálogo não é tranqüilo; é ponto de convergência e divergência, é um espaço de luta entre vozes sociais. Para Bakhtin, tudo que é individual, reflete o social. Para Fiorin, [...] "O termo intertextualidade fica reservado apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada entre textos" (Fiorin, 2006, p. 181). Assim, nossos textos são perpassados por outros textos (filmes, novelas, outros contos, outras histórias...) outras vozes, de outros autores. Nesse sentido, apontamos que o uso dos diários de leituras apresentou essa intertextualidade, demonstrando o diálogo entre os textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, D. L.P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: **Diálogos com Bakhtin**, 2001. UFPR.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo, as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. Ed. Criar, 2003.

FARACO, C. A. **Lingüística histórica: uma introdução ao estudo das histórias das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (org) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

MACHADO, Anna R. **O diário de leituras**: a introdução de um novo instrumento na escola. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SMOLKA, A. L. B. A concepção de linguagem como instrumento: um questionamento sobre práticas discursivas e educação formal. In: **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, n 2, p. 11-21, 1995.

SMOLKA, A. L.; NOGUEIRA, A. L. H. O desenvolvimento cultural da criança: mediação, dialogia e inter(regulação), In: **Psicologia, educação e temáticas da vida contemporânea**. Moderna: São Paulo, 2002.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VOLOCHINOV, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.